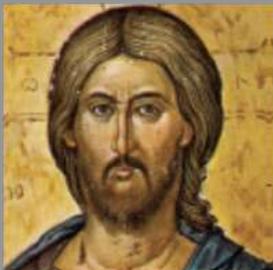


INSTITUTOS PAULINOS

DE VIDA SECULAR CONSAGRADA - BRASIL

Edição Bimestral – Julho/Agosto de 2019 - Ano VI – Vol. XXV



Sumário

EDITORIAL	3
Catequese Paulina	5
São Maximiliano Kolbe Mártir da caridade	7
Palavra do Papa	9
Constituição da Igreja Católica	11
Reavivando o dom Deus nas Famílias	15
<i>Gaudete et Exsultate</i>	17
O dia dos Avós	18
Laicato: Viver a vocação ...	20

Editor da Revista Institutos Paulinos:
Nathanael do Amparo, ISGA

Delegado do Instituto Nossa Senhora da Anunciação:
(anunciatinas@paulinos.org.br)
e do Instituto São Gabriel Arcanjo
(gabrielinos@paulinos.org.br)
Pe. José Carlos de Freitas Junior, ssp

Delegado do Instituto Jesus Sacerdote
(jesussacerdote@paulinos.org.br)
e do Instituto Santa Família
(santafamilia@paulinos.org.br)
Pe. Antônio Lúcio da Silva Lima, ssp.

Colaboradores: Instituto São Gabriel Arcanjo; Instituto Nossa Senhora da Anunciação; Instituto Santa Família; Instituto Jesus Sacerdote

Nossas redes sociais:
<http://gabrielinospaulinos.blogspot.com.br>
<http://santafamiliabr.blogspot.com>
<http://anunciatinas-brasil.blogspot.com.br>

NOSSO CONTATO:
institutospaulinos@paulinos.org.br
ou pelo endereço:
Pe. José Carlos de Freitas Junior
Rua Francisco Cruz, 199
Vila Mariana
CEP 04117-091 – São Paulo/SP

Uso manuscrito

EDITORIAL

No mês de julho, entre tantas coisas boas que o Senhor prepara para nós, realizamos a festa de Nossa Senhora do Carmo.

Essa devoção apareceu nos primeiros séculos do cristianismo. Terminadas as perseguições aos cristãos em 313, surgiram grupos de monges eremitas que iam para o deserto a fim de “derramar o sangue da alma”, ou seja, ter uma vida de oração e penitência.

Um desses grupos estabeleceu-se no Monte Carmelo, na Palestina. No século 11 construíram uma capelinha dedicada à Virgem Maria. O bispo de Jerusalém, Santo Alberto, deu a eles uma regra de vida. Assim formou-se a ordem dos carmelitas.

Em 1251, durante graves dificuldades, o superior da Ordem, São Simão Stock, intercedendo em suas orações, recebe de Nossa Senhora o Escapulário como sinal de proteção à Ordem e a quem o usasse. Esta devoção espalhou-se pelo mundo todo e, segundo o papa São Paulo VI, pode ser incluída entre as devoções verdadeiramente marianas. Numa carta aos Superiores da ordem do Carmo, o papa São João Paulo II, que também usava o escapulário, explicou admira-

velmente o simbolismo desta importante devoção Mariana:

“No símbolo do Escapulário - afirma o Papa - se evidencia uma síntese eficaz de espiritualidade mariana, que aumenta a devoção dos fiéis, tornando-lhes sensível a presença amorosa da Virgem Mãe em suas vidas”. O escapulário é essencialmente um “hábito”. Quem o recebe fica agregado ou associado, num grau mais ou menos íntimo à Ordem do Carmo, dedicada ao serviço da Virgem para o bem de toda a igreja. Quem veste o Escapulário é portanto introduzido na terra do Carmelo, para que “coma de seus frutos e bens” (cf.



Jr 2,7), e experimente a presença doce e materna de Maria, no compromisso cotidiano de se revestir interiormente de Jesus Cristo e de o manifestar vivo, em si próprio, para o bem da igreja e de toda a humanidade.

Duas são, portanto, as verdades evocadas no símbolo do Escapulário: de um lado a proteção contínua da Santíssima Virgem, não só ao longo do caminho da vida, mas também no momento da passagem para a plenitude da glória eterna; de outro lado, consciência de que a devoção a Ela não pode se limitar a orações, obséquios em sua hora em algumas circunstâncias, mas que deve constituir um “hábito”. Quer dizer uma textura permanente da própria conduta cristã, tecida de oração e de vida interior, mediante a prática frequente dos Sacramentos e o exercício concreto das obras de misericórdia espirituais e corporais. Deste modo o Escapulário se converte em símbolo de “aliança” e de comunhão recíproca entre Maria e os fiéis: de fato, traduz de modo concreto a entrega que Jesus, do alto da cruz, fez a João, e nele a todos nós, de sua Mãe, e a entrega do apóstolo predileto e de nós a Ela, constituída como Mãe espiritual.

No dia 16 de julho, milhares de pessoas passam pelas igrejas dedicadas a Deus com o Título de Nossa Senhora do Carmo para rezar e receber o escapulário, que não é superstição, mas devoção. Símbolo do compromisso do cristão em seguir Jesus Cristo imitando sua fiel discípula, sua mãe Maria.

Para os religiosos carmelitas é símbolo de consagração religiosa na Ordem de Nossa Senhora do Carmo. Para os fiéis leigos, para o povo, é símbolo de devoção e afeto para com a mesma Senhora do Carmo. Nos meios populares é conhecido como “bentinho do Carmo”.

Roguemos a Nossa Senhora do Carmo por nossa Diocese que completa 65 anos de existência (criação em 22 de julho de 1954) tendo na sua Catedral a igreja mais importante da Diocese, a casa comum de todos, a casa da Mãe do Carmo. Que ela nos ensine a fazer de nossa Igreja, do nosso instituto, mais que um canteiro de obras, um jardim (Carmelo) do qual somos todos cuidadores.

Nathanael Amparo, ISGA

Catequese Paulina

Sociedade de São Paulo: Finalidade e Composição.

“A Sociedade de São Paulo é uma congregação clerical de vida apostólica”. Ela tem como fim a perfeição da caridade entre seus membros, obtida por meio do espírito e da prática dos votos de pobreza, obediência, castidade e fidelidade ao papa, na vida comum, seguindo as normas das presentes constituições, e a evangelização das pessoas, mediante o apostolado com os instrumentos da comunicação social”.



“Santificar-se para santificar”. “Salvar, mas antes salvar-nos”. Daí a necessidade de encontrar as luzes necessárias junto ao Tabernáculo.

“A santidade do ser deve manifestar-se na santidade do viver.”

Família Paulina deseja viver integralmente o Evangelho de Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida sob olhar da Rainha dos Apóstolos e no Espírito de São Paulo. Nutrir-se do Cristo – Eucaristia e dar Cristo a todos. Viver Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida e fazer a caridade de dar Cristo. O apóstolo é aquele que traz Deus na alma e irradia em torno de si.

Os membros da Pia Sociedade de São Paulo, sacerdotes e discípulos professam os mesmos votos religiosos; formam uma comunidade de vida, de oração e apostolado.

A Pia sociedade tem como tarefa:

São Maximiliano Kolbe Mártir da caridade

Raimundo Kolbe nasceu em 8 de janeiro de 1894 em Zdunska-wola, na Polônia. Vivaz e inteligente, desde criança se sentiu atraído para seguir o Senhor e a amar a Imaculada que de modo prodigioso lhe tinha apresentado duas coroas, uma branca e outra vermelha. Entrou na Ordem dos Frades Menores Conventuais, recebeu o nome de Maximiliano e foi enviado a Roma para completar os estudos filosóficos e teológicos.

Polonês de nascimento, mas universal de espírito, em 16 de outubro de 1917, em Roma, fundou a Milícia da Imaculada que hoje é uma Associação Pública e Internacional de Fiéis. A espiritualidade da Milícia da Imaculada consiste em viver a total pertença a Maria para alcançar, sob seu exemplo, uma união profunda com Cristo e cooperar com Ela na missão evangelizadora da Igreja.

Ordenado sacerdote em 1918, retornou à Polônia e iniciou sua incansável atividade missionária. Começou pela publicação de uma revista mensal e, em 1927, fundou a Cidade da Imaculada (Niepokalanów, em língua polonesa), onde mais de 700 fra-

des consagrados a Maria se dedicavam a todas as formas de apostolado, em particular, à preparação e difusão dos jornais e revistas de formação cristã e mariana produzidos pela Milícia da Imaculada.

Movido pelo desejo de conduzir todo o mundo a Cristo por meio de Maria, em 1930 partiu para o Japão onde fundou uma segunda "cidade" chamada Mun-genzai No Sono, na periferia de Nagasaki.

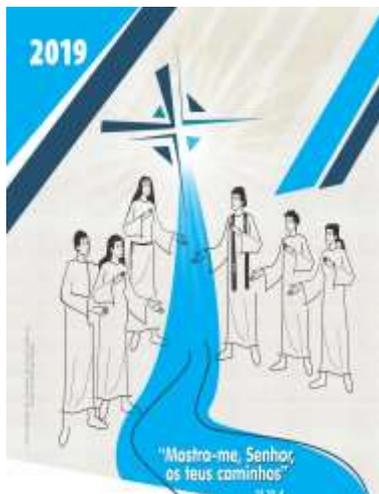
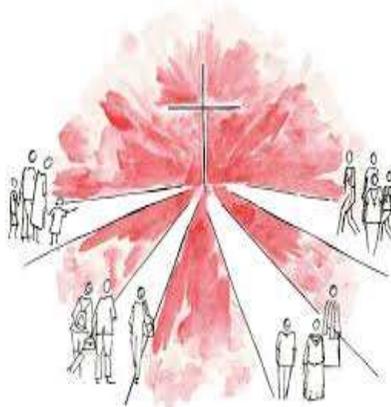
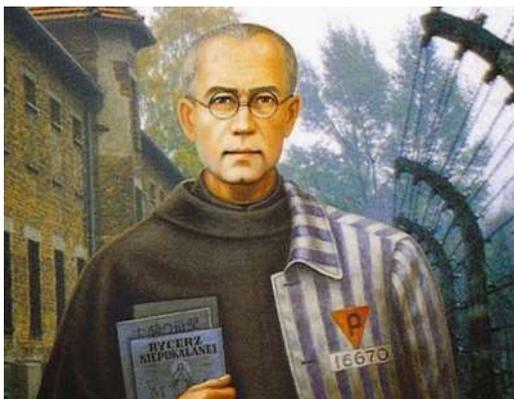
Já doente de tuberculose, em 1936, retorna a Niepokalanów, que havia se tornado o complexo editorial católico de maior prestígio na Polônia.

Em 1939 explodiu a Segunda Guerra Mundial e Niepokalanów, bombardeada e quase destruída, foi transformada em hospital e local de abrigo para milhares de refugiados, especialmente judeus.

Em 17 de fevereiro de 1941, Maximiliano Kolbe foi preso e, em maio, foi definitivamente transferido para o campo de concentração de Auschwitz. Neste lugar, com sua simplicidade característica e determinação, Maximiliano, prisioneiro número 16670, continuou a ser instrumento nas mãos da Imacu-

lada em meio aos companheiros de prisão.

Testemunhou o Evangelho da Caridade e ofereceu espontaneamente a vida por um prisioneiro condenado a morte no bunker da fome. Em 14 de agosto foi morto com uma injeção de ácido fênico. Em 15 de agosto o seu corpo foi queimado no forno crematório e as suas cinzas foram espalhadas pelo vento. Naquele momento, a sua santidade e a sua herança espiritual e apostólica se difundiram em todo o mundo. Em 10 de outubro de 1982 o Papa João Paulo II o proclamou santo como mártir da caridade e patrono dos nossos difíceis tempos. "O ódio divide, separa e destrói, enquanto, ao contrário, o amor une, dá paz e edifica. Só o amor constrói", dizia São Maximiliano Kolbe.

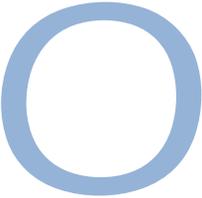


Nathanael Amparo, ISGA

Palavra do Papa

Cristãos precisam de novo ímpeto evangelizador, afirma o Papa

“Se aumentar o impulso missionário, crescerá também a unidade entre nós”

 Papa declarou-se preocupado com a dissociação entre ecumenismo e missão. “O mandato missionário, que é mais do que a diaconia e a promoção do desenvolvimento humano, não pode ser esquecido nem anulado. Em causa está a nossa identidade. O anúncio do Evangelho até aos últimos confins da terra é conatural ao nosso ser de cristãos.”... “Estou convencido de que, se aumentar o impulso missionário, crescerá também a unidade entre nós”, disse o Papa no encontro ecumênico na sede do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) em Genebra.

O Pontífice comentou o lema dos 70 anos do CMI: Caminhar - Rezar - Trabalhar juntos.

Caminhar num movimento duplo: de entrada e de saída. De entrada, a fim de nos dirigir constantemente para o centro, que é Jesus. De saída, rumo às múltiplas periferias existenciais de hoje.

Rezar, pois a oração é o oxigênio do ecumenismo. Sem oração, a comunhão asfixia e não avança, porque impedimos que o vento do Espírito a empurre para diante.

Trabalhar juntos, pois a credibilidade do Evangelho é testada pela maneira como os cristãos respondem ao clamor de quantos são vítimas do trágico aumento de uma exclusão que, gerando pobreza,

fomenta os conflitos. “Se um serviço é possível, por que não projetá-lo e realizá-lo conjuntamente, começando a experimentar uma fraternidade mais intensa no exercício da caridade concreta?”, questionou o Papa.

O Pontífice concluiu seu discurso com as seguintes palavras: “Ajude-mos a caminhar, rezar e trabalhar juntos, para que, com a ajuda de Deus, progreda a unidade e o mundo acredite”.



Constituição da Igreja Católica

A Igreja Católica: verdadeira comum-união de Igrejas, unidade na diversidade

Certamente, quando acompanhamos as grandes celebrações presididas pelo Santo Padre, o Papa, veremos alguns padres e bispos utilizando paramentos diferentes dos paramentos que estamos acostumados a ver. Creio que muitas pessoas, percebendo essas diferenças, tenderão a pensar que se trate de sacerdotes e bispos da Igreja Ortodoxa. Mas não é bem assim... O que muitos não sabem é que a Igreja Católica é formada, não apenas pela Igreja Católica Apostólica Romana, mas pela união de 24 Igrejas: A Igreja Romana, mas 23 Igrejas Orientais. Aqui encontramos a explicação da presença desses padres e bispos “diferentes” nas celebrações com o Papa.



Sui iuris

Todas as 24 Igrejas Católicas são independentes, possuem diferentes particularidades histórico-culturais, diferentes tradições litúrgicas e estrutura hierárquica e organização territorial separadas. Por isso são denominadas Igrejas *Sui iuris* (termo latino que significa autonomia). O Decreto do Concílio Vaticano II, sobre as Igrejas Orientais, *Orientalium ecclesiarum* diz no nº 05: “tanto as Igrejas do Oriente como as do Ocidente possuem o direito e têm o dever de se regerem segundo as próprias disciplinas peculiares, enquanto se recomendam por veneranda antiguidade, são mais conformes aos costumes de seus fiéis e resultam mais aptas a buscar o bem

das almas”. Assim, cada uma das igrejas possuem certo grau de autonomia, são governadas de forma independente pelos seus Hierarcas (Patriarca, Arcebispo Maior ou Metropolita) conjuntamente ao seu Sínodo. Cada uma das Igrejas Orientais, embora possuam seu Direito próprio, sua forma própria de celebrar a Eucaristia e tenham a sua própria forma de governo, reconhecem a primazia de Pedro e de seus sucessores e respeitam o direito inalienável do Sumo Pontífice de intervir, em casos de necessidade, no funcionamento e nas decisões delas.



Todos os católicos são católicos, mas nem todos os católicos são latinos...

Importante perceber que quando falamos “católicos latinos”, não estamos nos referindo aos católicos que vivem na América Latina. Falamos sim dos católicos que pertencem ao Rito Romano, ou Rito Ocidental, lembremo-nos que antigamente a Missa era celebrada em latim, por isso utilizamos o termo “latinos”. Também é importante e bonito o que diz o Decreto *Orientalium ecclesiarum*, no nº 02, sobre a diversidade dos ritos da Igreja: “A santa Igreja católica, Corpo místico de Cristo, consta de fiéis que se unem organicamente no Espírito Santo pela mesma fé, pelos mesmos sacramentos e pelo mesmo regime. Juntando-se em vários grupos unidos pela Hierarquia, constituem as igrejas particulares ou os ritos. Entre elas vigora admirável comunhão, de tal forma que a variedade na Igreja, longe de prejudicar-lhe a unidade, antes a manifesta. Pois esta é a intenção da Igreja católica: que permaneçam salvas e íntegras as tradições de cada igreja particular ou rito. E ela mesma quer igualmente adaptar a sua forma de vida às várias necessidades dos tempos e lugares”.



Eis a impressionante lista das 24 Igrejas *Sui iuris* que formam a Igreja Católica:

DE RITO OCIDENTAL

Tradição litúrgica latina ou romana:

1. Rito latino da Igreja Católica Apostólica Romana (sede em Roma)

DE RITOS ORIENTAIS

Tradição litúrgica alexandrina:

2. Igreja Católica Copta (patriarcado; sede no Cairo, Egito)
3. Igreja Católica Etíope (metropolitanato; sede em Adis Abeba, Etiópia)
4. Igreja Católica Eritreia (metropolitanato; sede em Asmara, Eritreia)

Tradição litúrgica bizantina:

5. Igreja Greco-Católica Melquita (patriarcado; sede em Damasco, Síria)
6. Igreja Católica Bizantina Grega (eparquia; sede em Atenas, Grécia)
7. Igreja Católica Bizantina Ítalo-Albanesa (eparquia; sede na Sicília, Itália)
8. Igreja Greco-Católica Ucraniana (arcebispado maior; sede em Kiev, Ucrânia)
9. Igreja Greco-Católica Bielorrussa (também chamada Católica Bizantina Bielorrussa)
10. Igreja Greco-Católica Russa (sede em Novosibirsk, Rússia)
11. Igreja Greco-Católica Búlgara (eparquia; sede em Sófia, Bulgária)

12. Igreja Católica Bizantina Eslovaca (metropolitanato; sede em Prešov, Eslováquia)

13. Igreja Greco-Católica Húngara (metropolitanato; sede em Nyíregyháza, Hungria)

14. Igreja Católica Bizantina da Croácia e Sérvia (eparquia; sedes em Križevci, Croácia, e Ruski Krstur, Sérvia)

15. Igreja Greco-Católica Romena (arcebispado maior; sede em Blaj, Romênia)

16. Igreja Católica Bizantina Rutena (metropolitanato; sede em Pittsburgh, Estados Unidos)

17. Igreja Católica Bizantina Albanesa (eparquia; sede em Fier, Albânia)

18. Igreja Greco-Católica Macedônica (exarcado ou exarquia; sede em Escópi, Macedônia)

Tradição litúrgica armênia:

19. Igreja Católica Armênia (patriarcado; sede em Beirute, Líbano)

Tradição litúrgica maronita:

20. Igreja Maronita (patriarcado; sede em Bkerke, Líbano)

Tradição litúrgica antioquena ou siríaca ocidental:

21. Igreja Católica Siríaca (patriarcado; sede em Beirute, Líbano)

22. Igreja Católica Siro-Malancar (arcebispado maior; sede em Trivandrum, Índia)

Tradição litúrgica caldeia ou siríaca oriental:

23. Igreja Católica Caldeia (patriarcado; sede em Bagdá, Iraque)

24. Igreja Católica Siro-Malabar (arcebispado maior; sede em Cochim, Índia)



Reavivando o dom Deus nas Famílias

Vivenciando o Ano Vocacional da Família Paulina, pautado na exortação do Apóstolo Paulo em sua 2ª Carta a Timóteo, “Por esse motivo, convido-te a reavivar o dom de Deus que está em ti pela imposição das minhas mãos” (2 Tm 1,6), entendemos oportuno apresentar algumas considerações no sentido de “Reavivar o Dom de Deus” no âmbito da convivência familiar.



Já por ocasião dos encontros que permearam o Sínodo das Famílias, o Padre Federico Lombardi, Diretor da Sala de Imprensa da Santa Sé, no seu briefing diário comentando os debates acerca da crise da fé e da família, partilhou com os jornalistas o seguinte:

“A crise das famílias na Igreja e também a crise das famílias cristãs na sociedade está muito ligada à crise geral da fé neste tempo. Foi notado como é preciso estar atentos em recordar que a fé não é aderir só a conteúdos, a ensinamentos, mas a fé é, antes de mais, uma adesão pessoal a Cristo, uma escolha por Cristo, um encontro com Cristo, uma aliança com Ele.”

Com efeito, através das mútuas promessas que ambos os cônjuges firmam no dia do casamento, o sacramento do Matrimônio supõe para os cônjuges que se tornem, mediante sua adesão pessoal à Cristo, ajuda um para o outro para chegar ao céu.

O sacramento do Matrimônio insere a família cristã na Igreja donde se alimenta e onde exercita seu múnus sacerdotal que é santificar-se e santificar a comunidade cristã e mundo.

O futuro da evangelização depende fundamentalmente da igreja familiar que a inaugura no Batismo dos seus membros, e recebe nova força pela graça sacramental do Matrimônio.

É através da leitura da Bíblia, entre outros canais, que Deus revela aos casais o que devem fazer para ter um casamento e família de sucesso, nos moldes do Sagrada Família de Nazaré.

Mediante o hábito de orar a Deus por seu casamento e por sua família diariamente, e de ler as escrituras sagradas com a mesma assiduidade, os cônjuges são inspirados pelo Espírito Santo a agir da melhor maneira a fim de proteger e fortalecer o seu casamento.

Neste contexto, relacionamos nas linhas seguintes, sem a pretensão de esgotar a matéria, dez passagens bíblicas que, destacando a importância da família, merecem ser examinadas e vivenciadas no âmbi-

to da catequese familiar visando não somente “Reavivar o dom de Deus” nas famílias como também promover o fortalecimento e santificação de seus membros.

1. Desfrute a vida com a mulher a quem você ama, todos os dias desta vida sem sentido que Deus dá a você debaixo do sol; todos os seus dias sem sentido! Pois essa é a sua recompensa na vida pelo seu árduo trabalho debaixo do sol. (Eclesiastes 9:9).

2. Honra teu pai e tua mãe, a fim de que tenhas vida longa na terra que o Senhor, o teu Deus, te dá. (Êxodo 20,12)

3. Instrua a criança segundo os objetivos que você tem para ela, e mesmo com o passar dos anos não se desviará deles. (Provérbios 22,6)

4. Ouça, meu filho, a instrução de seu pai e não despreze o ensino de sua mãe. Eles serão um enfeite para a sua cabeça, um adorno para o seu pescoço. (Provérbios 1, 8-9)

5. Os filhos dos filhos são uma coroa para os idosos, e os pais são o orgulho dos seus filhos. (Provérbios 17, 6)

6. Os filhos são herança do Senhor, uma recompensa que ele dá. Como flechas nas mãos do guerreiro são os filhos nascidos na juventude. Como é feliz o homem que tem a sua aljava cheia deles! (Salmos 127, 3-5)

7. Os vivos, somente os vivos, te louvam, como hoje estou fazen-

do; os pais contam a tua fidelidade a seus filhos. (Isaías 38,19)

8. Não os esconderemos dos nossos filhos; contaremos à próxima geração os louváveis feitos do Senhor, o seu poder e as maravilhas que fez. (Salmos 78,4).

9. Filhos obedçam aos seus pais no Senhor, pois isso é justo. “Honra teu pai e tua mãe”, este é o primeiro mandamento com promessa: “para que tudo te corra bem e tenhas longa vida sobre a terra”. (Efésios 6,1-3).

10. Mas, se uma viúva tem filhos ou netos, que estes aprendam primeiramente a pôr a sua religião em prática, cuidando de sua própria família e retribuindo o bem recebido de seus pais e avós, pois isso agrada a Deus. (I Timóteo 5,4)



Referências:

1. Exortação Apostólica Familiaris Consortio - São João Paulo II
2. <http://www.semprefamilia.com.br>

Eduardo e Malú

ISF - Instituto Santa Família

LUTA, VIGILANCIA E DISCERNIMENTO

O mal está presente desde as primeiras páginas das Escrituras. Não pensemos que o demônio seja um mito, uma figura de estilo ou uma idéia, para que não nos descuidemos nem fiquemos mais expostos. O nosso caminho para a santidade é uma luta constante, para a qual o Senhor nos mune com a oração, a Palavra de Deus, a celebração da Missa, a adoração eucarística, a Reconciliação sacramental, as obras de caridade, etc. O caminho da santidade é uma fonte de paz e alegria que o Espírito nos dá. Como é possível saber se algo vem do Espírito Santo ou se deriva do espírito do mundo e do espírito maligno? Pelo discernimento, que é mais do que inteligência e sentido comum. Hoje tornou-se particularmente necessária a capacidade de discernimento, porque a vida atual oferece enormes possibilidades de distração, apresentadas como se fossem todas válidas e boas. O discernimento é uma graça. Não está reservado aos mais inteligentes e instruídos, nem requer capacidades especiais. Mas exige que se escute: o Senhor, os outros, a própria realidade que não cessa de nos interpelar de novas maneiras. Dá-nos a liberdade de renunciar aos nossos pontos de vista parciais e insuficientes, às nossas formas habituais de considerar as coisas. Temos de discernir os tempos de Deus, para não ignorarmos o seu convite a crescer. Por esta razão, peço a to-

dos os cristãos que não deixem de fazer cada dia, em diálogo com o Senhor, um sincero exame de consciência. Temos necessidade do silêncio da oração prolongada para perceber melhor a linguagem de Deus, para interpretar o significado real das inspirações que julgamos ter recebido, para acalmar ansiedades e ver de um modo novo o conjunto da própria existência à luz de Deus. O nosso discernimento atento implica obediência ao Evangelho como último critério, mas também ao Magistério que o guarda, procurando encontrar no tesouro da Igreja aquilo que pode ser mais fecundo para “o hoje” da salvação; pois a rigidez não tem lugar no “hoje” perene do Senhor Ressuscitado. Deus pede-nos tudo, mas também nos dá tudo. Deus não quer entrar na nossa vida para a enfraquecer, mas para a levar à perfeição. Peçamos ao Espírito Santo que infunda em nós um desejo intenso de ser santos para a maior glória de Deus; e animemo-nos uns aos outros neste propósito. Assim, compartilharemos uma felicidade que o mundo não poderá tirar-nos.



Nathanael, ISGA

O dia dos Avós

A Igreja e a Terceira Idade

Os idosos são aqueles que nos trazem a história, que nos trazem a doutrina, a fé e nos dão um legado

O dia 26 de julho, na tradição católica, é dia de Sant'Ana e de São Joaquim, os pais idosos de Maria, os avós de Jesus, foi proclamado o Dia dos Avós no pontificado do Papa Paulo VI.

Durante 20 anos, Ana e Joaquim, não conseguiram realizar o sonho de serem pais, e pensavam ser estéreis. Mas Joaquim, em idade avançada, jejuou por 40 dias e 40 noites, esperando que Deus o ajudasse a ter um filho. Então Ana engravidou, e dela nasceu Maria, e de Maria nasceu Jesus. Além de padroeira das avós, é também padroeira da educação, por ter educado Maria e influenciado na educação de Jesus. Já São Joaquim é o padroeiro dos Avôs. Exemplos de fé para nós.

Nesta data, queremos resgatar um pouquinho do que significa colo de avô e de avó, para quem segura e acolhe, e para quem tem a graça e o privilégio de ser embalado no melhor balanço do mundo.

Quando vemos uma criança no colo dos avós, concluímos que nem todas as palavras de nosso dicionário conseguem expressar todos os sentimentos

que ali cabem, que ali se tocam. Quem ganha mais? O início fresco repleto de esperança ou o declínio sábio de uma existência bem vivida que muito ainda pode ensinar? E muito ainda pode aprender, pois os netos são presentes de Deus, e podemos chamar de nossos. Podemos descobrir neles o que não tivemos tempo de ver em nossos filhos, por causa do tempo, por causa de nossa imaturidade, por causa de tantas exigências que nos tiraram deles.

“Nós vivemos em um tempo no qual os idosos não contam. É ruim dizer isto, mas eles são descartados, porque dão trabalho. Os idosos são aqueles que nos trazem a história, que nos trazem a doutrina, a fé e nos dão um legado. São aqueles que, como um bom vinho envelhecido, têm força dentro de si para nos dar uma herança nobre”, nos ensina nosso querido Papa Francisco. “Os avós são um tesouro, de forma que a memória desses antepassados leva o homem a imitar sua fé”. E, defende ainda que a sabedoria deles é uma herança que se deve receber. “Um povo que não

cuida dos avós, um povo que não respeita os avós não tem futuro, porque não tem memória”.

Louvamos a Deus pelas pastorais, movimentos e serviços que se ocupam e se preocupam com o idoso, que são visita, companhia, ouvidos e tanto mais... Mas que investem na família para que os acolham e lhes propiciem o que de verdade eles precisam, merecem e gostariam de ganhar: amor.

De nossos avós, fiquemos com as deliciosas lembranças do estar com eles, de ouvir causos e tantas histórias, das comidinhas

gostasas, do carinho, do olhar, das bênçãos e orações, da cruz traçada na testa, das muitas lembranças e lembrancinhas... das artes perdoadas, dos passeios por aí, do sentar-se ao seu lado... da cumplicidade independentemente da idade.

De nossos netos, o olhar maroto, o sorriso pidão, os bracinhos estendidos querendo sair do chão... Quero colo vovó... Quero colo vovô... mesmo depois de grandão. É pura energia que renova e faz pulsar nosso coração.



Laicato: Viver a vocação

O Reino de Deus é decisivo e impulsiona a vida pastoral a sair da mediocridade, da superficialidade e da indecisão

O Deus do Evangelho é o Emanuel, é Deus conosco. Ele se fez carne, habitou entre nós, trabalhou com suas mãos, sofreu e amou com um coração humano. É preciso assumir a condição de peregrinos dos cristãos, que nas estradas da vida, se fazem companheiros e irmãos de toda a humanidade. Essa condição nasce da experiência do amor misericordioso de Deus que nos faz samaritanos de todos, para alcançar a todos com o anúncio da salvação de Cristo.

Desde 1981, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) propõe que a Igreja no Brasil viva o mês de agosto numa perspectiva vocacional a fim de suscitar a conscientização sobre o dinamismo das vocações que faz a Igreja tão rica em sua missão de continuar o mandato missionário de Jesus Cristo. A vocação é sempre um chamamento que Deus faz a cada homem e mulher, nesse sentido são muitas as vocações, sendo a laica aquela da qual nascem todas as outras.

A vocação dos leigos é a de pertencer e ser Igreja. O Catecismo da Igreja Católica trata com clareza a vocação do leigo dos números 897-913. Vale muito à pena fazer a leitura de cada ponto, pois há uma síntese que evidencia o que são os leigos, baseado na Constituição Dog-

mática *Lumen Gentium* (LG), n 437: “Por leigos entendem-se aqui todos os cristãos com exceção dos membros da ordem sacra ou do estado religioso reconhecido pela Igreja, isto é, os fiéis que, incorporados em Cristo pelo Batismo, constituídos em povo de Deus e feitos participantes, a seu modo, da função sacerdotal, profética e real de Cristo, exercem, pela parte que lhes toca, na Igreja e no mundo, a missão de todo o povo cristão”.



O fiel leigo em sua vocação é chamado a ser sal e luz na Igreja e no mundo. Daí ser preciso atender algumas exigências como chama atenção Renold Blank em seu livro “Ovelha ou protagonista: a Igreja e a nova autonomia do laicato no século 21”. A primeira exigência é a de recuperar a consciência de agente responsável pela transformação do mundo e da Igreja; a segunda, a construção de estruturas de comunhão e participação, e a terceira, consiste em fugir do perigo da dicotomia entre irmãos clérigos e leigos preservando o valor e a dignidade de cada carisma na comunidade no serviço ao Reino de Deus. O espaço primordial para a vivência da vocação laica é a comunidade eclesial participativa, pois comunidade onde não há participação e abertura não é comunidade. Eis um dos maiores desafios do leigo hoje, é ser sinal de acolhida e missão, pois numa lógica de Igreja comunhão e participação o papel das comunidades é o de expressar

Deus conosco. A vocação do laicato é, sobretudo, a de, como Povo de Deus (cf. LG, cap. 4), caminhar pelas estradas da vida sem deixar de lado a centralidade do Reino de Deus como continuadores das promessas de Cristo no mundo. A *Lumen Gentium* (n. 31) faz a seguinte observação: “manifestem Cristo aos outros, antes de mais pelo testemunho da própria vida, pela irradiação da sua fé, esperança e caridade”.

A relação de fraternidade deve ser sempre presente na vida eclesial. Cabe ao leigo a valorização e o direito, com prudência e discernimento, “de expor o seu parecer sobre os assuntos que dizem respeito ao bem da Igreja” (LG, 37). Sempre respeitando a palavra dos pastores/magistério da Igreja.

Em contrapartida, os pastores devem “reconhecer e fomentar a dignidade e responsabilidade dos leigos na Igreja” (LG, 37). Por fim, a vocação-missão do leigo é ser sal e luz no mundo.

